

O paradoxo do desejo: do mortífero a Eros

Laura S. Sacchet Jaskulski¹

RESUMO

Este trabalho é resultante do percurso de uma análise. História que narra as manifestações da dor e do viver, de um encontro pouco erotizado com o outro, com o objeto. Neste processo analítico, percebe-se como a intensidade da destrutividade e do desamparo vai colapsando e fraturando o nascimento incipiente do desejo, e de como revelam-se no corpo as formações inconscientes pouco amalgamadas. Nesse enredo, vão se descortinando desfiladeiros onde não há passagem para a alteridade, em um cenário no qual preponderam o masoquismo moral e a destrutividade nas relações. Escrever sobre o masoquismo moral, um dos conceitos fundamentais da obra freudiana da segunda tópica, requer revisitar outros tantos conceitos também nodais da psicanálise desse autor. Para compreender essas questões, busca-se a teoria freudiana, com seus conceitos relativos à segunda tópica — pulsão de morte, compulsão à repetição e masoquismo —, e trabalhos de outros autores que abordaram esse tema. O objetivo é decifrar os *enigmas* que necessariamente precisam ser desvendados para garantir o não aniquilamento do Eu.

Palavras-chave: Masoquismo moral. Compulsão à repetição. Pulsão de morte.

1 Psicóloga e psicanalista. Especialista em Psicologia Clínica pelo Instituto de Ensino e Pesquisa em Psicoterapia (IEPP). Membro efetivo do Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre (CEPdePA).

1 O RETORNO ÀS ORIGENS...

Visando a compreender o disruptivo da vida pulsional, Freud (1920) busca na biologia o argumento para explicar o problema da morte como algo natural. Na clínica, ele se depara com algo *além* a ser compreendido: o que se interpõe ao processo de melhora na análise do paciente conhecido como Homem dos Lobos; e os sonhos traumáticos que, no pós-guerra, acometem pacientes que não sofreram ferimentos físicos, mas foram muito afetados emocionalmente.

Seja na vigília, por meio dos sintomas, seja no caráter repetitivo dos sonhos traumáticos, a compulsão à repetição não só coloca em xeque a hegemonia do princípio do prazer, revelando o caráter disruptivo da pulsão de morte, como também evidencia a existência de uma destrutividade constitutiva do aparelho psíquico. Algo além estaria implicado nesses processos psíquicos e explicaria a não preponderância do princípio do prazer. Freud (1920) estava intrigado com o que estaria por trás das fatalidades do destino, como a repetição de fatos negativos na vida das pessoas — forças ou circunstâncias que não são causadas pelo acaso, mas provocadas pelo próprio sujeito. Ele escreveu que “[...] as pulsões são o mais importante e também o mais obscuro objeto da investigação psicológica.” (FREUD, 1920, p. 158).

Bela procurou atendimento há seis anos por sentir fortes dores encefálicas que a impediam de realizar suas tarefas rotineiras. Além disso, apresentava outros sintomas somáticos de origens idiopáticas, como insônias, dores musculares esporádicas, alergias e bruxismo.

Já na vida amorosa, Bela investia em relações com pessoas que promoviam relacionamentos sádicos, situações de humilhação e aprisionamento ao desejo do outro, o que fazia com que se sentisse paralisada em sua existência. Entretanto, ao invés de sentir repulsa diante da dor, Bela parecia buscá-la como fonte de prazer, contradizendo o princípio do prazer e a sua condição de guardião da vida psíquica. A dor do desencontro com os objetos, encenado vida afora, revela pistas

das relações primordiais, de como elas foram engendradas no psiquismo e nos sucessivos relacionamentos estabelecidos na vida de Bela.

A compreensão disso pode ser buscada no desamparo infantil, na impressão/sensação terrificante que essa vivência desperta, desencadeando uma necessidade desenfreada de proteção por meio do amor paternal. Afirma-nos Freud (1924) que parece muito difícil para o ser humano livrar-se da concepção de *Destino*, tratado muitas vezes como algo alheio e impessoal, mas na verdade derivado das imagos parentais. O medo real que o sujeito tem da morte, representada pela castração, acaba por ser projetado e atribuído a poderes extremos de outra ordem, e não ao seu próprio Supereu, resultante do complexo de Édipo.

Ampliando essas reflexões, Marucco (2013, p. 117, grifo do autor) ressalta que “A problemática da castração é um núcleo onde se ‘en-castram’ as diferentes angústias”. Nesse núcleo, estão contidas a angústia do desamparo e a angústia narcisista ou da perda do amor. Assim, o que é temido é sobretudo o desamparo, resultante da substituição das imagos parentais pelo Supereu, o que produz no sujeito o medo do abandono e da perda do amor dos pais, agora substituído e atribuído a poderes extremos como o Destino, Deus e a Natureza.

O desamparo do Eu diante do Supereu revela um Eu premido, coagido e frágil. Por vezes, por temer o desamparo, Bela refugia-se nas defesas primitivas... infundáveis repetições de mecanismos de defesa antigos. Ela repete e atua, pondo-se junto ao Isso e ao Supereu para manter o *status quo* da situação. Nas palavras de Freud (1927, p. 39), “[...] o reconhecimento de que esse desamparo perdura através da vida tornou necessário aferrar-se à existência de um pai, dessa vez, porém, um pai mais poderoso.” Assim, Bela vai encenando sua vida por meio de atos e capítulos de uma escrita inconsciente que transita entre aspectos masoquistas e sádicos. Dessa forma, atua o que não consegue nomear ou colocar em palavras sobre os sentimentos e sensações que denunciariam o seu sofrimento diante do desamparo.

A paciente narra a sua história com um enredo que parece não ter sido escrito/escolhido por ela, como se ela não tivesse participação alguma como protagonista de sua própria vida. É uma situação na qual, tal como descreve Freud (1920), ela vivencia passivamente uma experiência sobre a qual não tem nenhuma influência, só lhe restando experimentar a repetição da mesma fatalidade. São reedições da história do seu relacionamento com a mãe, cujo roteiro é primeiro escrito por um outro, inconscientemente ou não. Esse Outro irá inaugurar suas formas de amar. Mas o que ocorre quando as identificações narcísicas se impõem?

Desejos narcísicos e alienantes convocam Bela, desde menina, a ser o duplo da mãe, duplo da figura parental, adquirindo uma intensidade mortífera. O narcisismo materno impõe-se sem limites, sem interdições. Não há separação, não há duas: apenas a dupla fusionada na qual não há espaço para o vir-a-ser, para a alteridade. A não interdição do desejo materno propõe um congelamento do Eu-Ideal sob a forma do Ideal-de-Eu: ser identificado passivamente, terreno do narcisismo primário e das relações filicidas. Há um convite para o reencontro com o narcisismo primário, fazendo com que a analisanda busque a união e a completude para o vazio que sente nos momentos de maior fragilidade. Essa atitude pode ser compreendida como um temor pela perda de suas identificações primevas, que, apesar da intensidade mortífera, ao menos lhe dão um lugar. Bela teme “[...] despertar algo que, em sua opinião, seria melhor deixar adormecido; medo à emersão dessa compulsão demoníaca” (FREUD, 1920² *apud* MARUCCO, 2013, p. 118). Ela sente “Medo, porque os desejos parentais foram alienantes, mas também constituintes” (MARUCCO, 1998, p. 100, tradução nossa).

Muitas cenas da história de Bela nos remetem à questão do masoquismo. O termo “masoquismo” aparece em Freud em 1905, por oca-

2 FREUD, S. (1920). Más allá del principio de placer. In: FREUD, S. **Obras completas**: volumen 18 (1920-22): más allá del principio de placer, psicología de las masas y análisis del yo y otras obras. Buenos Aires: Amorrortu, 1976. p. 1-62.

sião do estudo das aberrações sexuais; para ele, na época, o masoquismo englobava todas as atitudes passivas adotadas em relação à vida sexual e ao objeto sexual, entre as quais a mais extrema parecia estar ligada à satisfação com o sofrimento físico ou psíquico imposto pelo objeto sexual. Quase 20 anos mais tarde, em *O problema econômico do masoquismo*, o masoquismo torna-se estruturante do psiquismo, um princípio constitutivo da organização psíquica, estando mais vinculado à passividade do que ao sofrimento. Então, a sua forma extrema e indubitavelmente patológica passa a ser vista na reação terapêutica negativa, e não mais nos atos perversos. Logo, Freud (1924a) abandona a abordagem fenomenológica e busca compreender o masoquismo do ponto de vista econômico e segundo os movimentos pulsionais.

Para Freud (1924), o masoquismo é em geral qualificado de enigmático, tendo em vista a incompreensível associação do prazer com a dor. O masoquismo “nasce” a partir da domesticação que a libido executa na tentativa de tornar a pulsão de morte inofensiva. Para isso, desvia-a em direção aos objetos do mundo externo; porém, uma parte permanece no organismo, onde ficará ligada libidinalmente devido à coexcitação sexual, constituindo, então, o masoquismo primário e erógeno, que estará na base tanto do masoquismo feminino quanto do masoquismo moral.

No desenvolver de sua teoria, Freud (1924) descreve o masoquismo feminino, o mais acessível e menos enigmático; remete-o, por seus elementos, à vida infantil, a uma criança pequena, desamparada e dependente, em uma posição de passividade. Já o masoquismo moral, apesar de sua periculosidade — por ter sido derivado de uma maior parcela de pulsão de morte que não foi ejetada como pulsão de destruição —, tem um componente erótico, deflagrando a satisfação libidinal do sujeito no processo de autodestruição, na necessidade de punição do Eu, que se oferece em uma relação de submissão ao Supereu. Um Supereu sádico e um Eu masoquista trabalham de maneira complementar e sem nenhum conflito: de um lado, o sadismo do Su-

pereu que submete o Eu; de outro, o sentimento de culpa inconsciente do Eu que clama por punição.

Alonso e Tanis (1998, p. 113) afirmam que “O campo do masoquismo obedece à multiplicidade de determinações e diferentes sistemas motivacionais, desde formas narcísicas a outras defensivas [...] cujo objetivo é, através do sofrimento e de uma certa submissão, escapar de um sofrimento maior”. Bleichmar (1997, p. 113, tradução nossa), por sua vez, pontua o seguinte: “pensar que o masoquismo sexual só goza é ignorar que, por trás deste, pode existir um sujeito aterrorizado que sexualiza o encontro com o outro para combater suas angústias persecutórias e tentar controlar uma situação traumática”.

A situação traumática, segundo Le Guen (1997), refere-se a uma representação intolerável, àquilo que não pode ser simbolizado pela menina; em seu lugar, surge a defesa de natureza masoquista. Baseado na teoria freudiana, o autor localiza esse período na pré-história do complexo de Édipo, na maior intensidade da ambivalência materna em relação à filha, por esta contrapor uma identificação narcísica: mistura de plenitude gratificante e incerteza frustrante em um jogo de espelhos. “É a violência, desencadeada pelo seu questionamento enquanto sujeito, no contexto de uma relação erotizada, que a mãe dirige à filha e frente a qual esta organiza a defesa masoquista.” (LE GUEN, 1997, p. 14).

Encontro em Le Guen (1997) apontamentos importantes e de ordem mais regressiva sobre esse tema: o fato de a menina ter de se haver com a confusão identificatória entre ela e sua mãe. Esse autor acrescenta aos postulados de Freud a ideia de que o masoquismo na menina estaria a favor de um processo defensivo, pela situação de violência e de excitação que ela encontra, mais do que o faz o menino, em suas primeiras relações com a mãe. Desde os tempos mais precoces, segundo Le Guen (1997, p. 13), o que funda a diferença entre os sexos é o grau da ambivalência materna em relação à filha e ao filho, sendo essa ambivalência diferente de acordo com o gênero da criança; assim, o autor aponta para a “[...] violência da paixão materna, vio-

lência geralmente calada porque sem dúvida é fonte de culpa [...]”. Ele argumenta que, como o menino está protegido pela evidência da sua diferença, proporciona uma satisfação narcísica à mãe; a menina, ao contrário, a confronta com uma identificação narcísica.

Le Guen (1997) avalia que a violência materna costuma aparecer de forma dissimulada pelo que se costuma chamar de “instinto materno” ou “ligação privilegiada com a mãe”. A ambivalência sempre presente, contudo, seria um processo conflituoso, pois é ao mesmo tempo uma representação do conflito e a ignorância dele; tal ambivalência estaria aprisionada na identificação narcísica, podendo aparecer somente como mais marcada na direção da filha do que na do filho, pela confusão identificatória. O autor afirma que, para defender-se dessa violência e de sua própria violência, a menina mostra-se mais doce, demanda ternura e, para controlar sua excitação, deixa-se educar mais facilmente, apesar de conservar grande violência em suas pulsões agressivas. Em síntese, “O menino é mais facilmente objeto para sua mãe; enquanto a menina vem interrogá-la enquanto sujeito.” (LE GUEN, 1997, p. 13).

A relação entre a mãe e a criança de ambos os sexos, destaca Zalcberg (2003), é, no início, totalmente submetida aos desígnios da mãe. Essa autora descreve que, até o momento estrutural da castração, a evolução da criança, independentemente do seu gênero, é a mesma, deixa a mesma marca — uma identificação viril com o pai. Entretanto, o destino dessa marca não será igual para o filho e para a filha. Para o menino, a identificação masculina recebida do pai é, em geral, resolutiva do Édipo, porque marca a sua separação da mãe. Já para a menina, apesar de necessária em termos estruturais, essa identificação masculina com o pai não resolve a questão identificatória. A menina “[...] ainda terá, à saída do Édipo, de continuar a procurar uma identificação feminina; esta só poderá encontrar junto à mãe, mulher como ela. Com isso, o processo edípico, no caso da menina, deixa um resto na condição de separação da mãe” (ZALCBERG, 2003, p. 15).

Zalberg (2003, p. 16) baseia-se em Lacan (1973)³ para reafirmar que a feminilidade se constitui entre duas mães; a figura da mãe se desdobra em uma função materna e uma feminina, na medida em que a mãe é também uma mulher: “[...] quando a mãe não se dá conta da existência dessas duas dimensões que ela representa para sua filha e não consegue [...] sustentá-las”, não consegue ocupar o “[...] lugar privilegiado que a figura materna, em sua dupla condição de mãe e mulher, ocupa no processo de feminilização da filha”.

A menina precisa criar, segundo Le Guen (1997), investimentos objetivos mais fortes, porque precisa proteger seu próprio narcisismo do narcisismo da mãe. “O liame com a mãe é o mais precioso bem, é a primeira relação a salvaguardar.” (LE GUEN, 1997, p. 14). Ele entende que a menina edifica um sistema de defesa que talvez tenha o objetivo de constituir, em primeiro lugar, uma proteção contra essa situação de violência e de excitação que ela encontra, mais do que o faz o menino, em suas primeiras relações com a mãe.

Uma poderosa defesa do Eu é necessária para que o objeto seja também resguardado. A posição masoquista oferece, assim, uma solução eficaz: sacrifica uma parte para salvar o essencial e reencontra a essência mesma na defesa pela castração. Camufla em parte sua própria violência, invertendo-a: a menina mostra-se boazinha, contida, menos agressiva, mais aceitável para o narcisismo de sua mãe e mais tolerante à sua violência comum, o que vai requerer dela um domínio pulsional precoce. Nessa etapa, tal sistema defensivo mostra-se eficiente porque ela ainda não precisa se defender das angústias narcísicas e interrogações identitárias que a puberdade ressuscitará. Quando adulta, esse masoquismo defensivo que a acompanha desde os primórdios servirá de base para o masoquismo moral, que é uma reelaboração do masoquismo erógeno, tendo este como apoio determinante, herdando sua tenacidade e sua resistência coriácea (LE GUEN, 1997).

³ LACAN, J. L'Étourdit. **Scilicet**, Seuil, n. 4, p. 5-52, 1973.

Como podemos pensar, na história de Bela, o processo de identificação com sua mãe, sendo que, nesse caso, a mãe a confunde, propondo uma relação de indiscriminação em que a filha seja sua imagem e semelhança? Bela parece estar repetidamente desempenhando um papel doloroso do qual não consegue livrar-se. Ela protagoniza uma trama que foi escrita antes de seu nascimento. Permanece nesse papel com a sua participação ativa, mesmo que isso lhe pareça estranho e alheio. Também repete, em sua vida extrafamiliar, situações como as que vive com sua mãe, sentindo-se vítima dessas situações e não percebendo a similaridade entre o ambiente externo e o materno. O que estaria, então, por trás dessa repetição não casual da forma como se dão seus relacionamentos? Emaranhadas, mãe e filha estão em uma relação produto de uma confusão identificatória, herança de uma época ainda muito precoce, pautada pela indiscriminação de objeto, em um momento da vida em que o Eu ainda indefeso não tinha a capacidade de julgar e discriminar.

Existe um descompasso entre a imaturidade do Eu, ainda frágil nessa primeira etapa da vida, e as demandas das pressões pulsionais, das quais o Eu precisa se defender. Freud (1938, p. 213) pontua que essa instância utiliza os mesmos meios de defesa contra o mundo externo e o interno; porém, contra o Isso, sua defesa é inadequada, “Em consequência de haver sido originalmente idêntico [...] e de ter vivido com ele [...] nos termos mais íntimos [...]”, o que explica por que “[...] o Ego tem grande dificuldade de escapar aos perigos internos”.⁴ Se, ante o Isso, o frágil Eu vê-se indefeso, contra os perigos do mundo externo, ele busca refúgio na proteção parental; em contrapartida, a criança pagará por essa segurança com o temor da perda do amor dos pais. Esse fator tem influência decisiva no resultado do conflito da situação edípica.

4 Optei pelas traduções Isso, Eu e Supereu para as instâncias psíquicas descritas na obra freudiana, entretanto mantive os termos Id, Ego e Superego nas citações diretas retiradas de edições que usam essa nomenclatura.

De acordo com Freud (1933a, p. 68), “[...] quando a coerção externa é internalizada [...]”, ocorre a metamorfose do relacionamento parental em Supereu, que “[...] assume o lugar da instância parental e observa, dirige e ameaça o Ego, exatamente da mesma forma como anteriormente os pais faziam com a criança.”. Nesse processo, a angústia surge como proteção contra um perigo, uma ameaça que não corresponde a uma ameaça da realidade exterior, mas a um temor, uma advertência como prenúncio de um perigo detectado pelo Supereu. Freud (1938) indica que a pré-condição essencial para a neurose é o atraso do desenvolvimento do Eu em relação ao desenvolvimento libidinal; ratifica que a ansiedade poderia ser evitada se se pudesse poupar o Eu infantil desta tarefa que ele ainda não se encontra apto a realizar: dar conta das demandas pulsionais.

A angústia realística é o precursor da angústia moral subsequente. O Supereu, então, torna-se veículo da tradição e de todos os duradouros julgamentos de valores que, dessa forma, transmitem-se de geração em geração. Para Freud (1933b, p. 81), “[...] o Ego significa razão e bom senso, ao passo que o Id significa as paixões indomadas.”. Dessa relação entre o Eu e o Isso, surgem as formações de compromisso e os derivados do reprimido, que se fazem representar no Eu por meio do sintoma. Há um adoecimento, predestinando Bela a seguir a mesma trajetória da mãe, por uma ligação erótica com ela.

Nas tentativas de separação do corpo/mente dessa figura materna, seguem-se brigas, discussões intensas e acusações de abandono. A mãe, que em alguns momentos aparenta ser frágil e deprimida, noutros apresenta-se como alguém que convoca a filha a participar ativamente como protagonista de seu desamparo. O corpo manifesta os sintomas (ansiedade, insônia), denunciando um Eu fragilizado diante de tantas forças que tem de harmonizar, tantos senhores a quem servir, e Bela acaba por sucumbir. Ela sente ansiedade ante um perigo do mundo interno, oriundo das pulsões, que são compreendidas como um perigo de origem externa. Seja angústia realística, seja angústia

moral do Supereu, seja angústia das paixões do Isso: a angústia inunda seu corpo, erotizando-o.

2 INSCRIÇÕES PSÍQUICAS

Para Freud (1950 [1895]), a dor sentida pelo bebê, devida ao desconforto ou à fome, põe o aparato psíquico em funcionamento, mas o excesso e a quantidade inundam esse aparelho e solapam os registros e as facilitações, tal como o autor descreve no *Projeto para uma psicologia científica*. Se na primeira tópica o modelo econômico era pautado pelo quantitativo, na segunda tópica fala-se de um modelo econômico, de um Eu tendo de mediar forças pulsionais entre as instâncias e o mundo externo, de um Supereu identificado, cobrando as demandas parentais, tomadas como modelo.

Ambos os modelos (primeira e segunda tópicos) referendam a defesa do aparelho psíquico diante da irrupção do desprazer. É possível afirmar que o traumático, o excesso e a quantidade continuam em voga na teoria freudiana desde o *Projeto*, mas são agora tomados como traços ou registros pulsionais que não receberam decodificação, os *fueros* (FREUD, 1950 [1892-1899]), que são marcas pré-recalque, as quais não atingiram níveis mais elaborados ou simbólicos de representação. Os *fueros* são impressões que não foram inscritas no psiquismo; têm, portanto, um estatuto diferente dos traços mnêmicos e remetem a um funcionamento que se aproxima da compulsão à repetição. Na vida de Bela, em alguns momentos a dor psíquica parece tomar o rumo da dor física, o corpo como expressão daquilo que não pode ser pensado. Sem poder metabolizar psiquicamente, ela fica aprisionada ao modelo materno, envolta em receitas médicas para os mais diversos males na tentativa de lidar com suas dores físicas e psíquicas.

Brigas e discussões servem como pano de fundo, fazem reviver o traumático, o excesso, a repetição na vida de Bela. Se a compulsão à repetição traz o ruído e o barulho, a destrutividade também se torna

a via pela qual é possível romper com o que, aparentemente, mostra-se inerte e normativo. A compulsão à repetição vem como um mecanismo por meio do qual o sujeito lida com o excesso de energia (desligada) que necessita ligar-se e amalgamar-se. O desligado da pulsão de morte, que é vivido passivamente, encontrará, na compulsão à repetição, sua forma de transformar-se em atividade.

Rosenberg (2004) reitera a nocividade da pulsão de morte, responsável pela patologia quando a libido não consegue intricá-la. Esse autor salienta que a pulsão de morte desconstrói, dissocia os elementos constitutivos e leva a um desligamento que ataca a integridade dos objetos. Nesse sentido, Rosenberg (2004) entende que a excitação (suscitada pelo objeto) não é apenas o ponto de partida da mobilização de defesas (já que permite a ação dos mecanismos de defesa e o trabalho interno) e da constituição de sintomas e da patologia, mas também é sinal de uma reação da libido visando a uma reintrinação pulsional. Tal reintrinação impediria a excitação de tornar-se traumática e a descarga, de ser brutal e esvaziadora; quando a libido não consegue reintrincar-se à pulsão de morte, prevalece o que o autor denomina *masoquismo mortífero*.

Todos os autores citados enfatizam a condição de trauma da quantidade que ingressa no incipiente psiquismo e do trabalho que cabe ao objeto fazer: ligar ou aplacar a pulsão desligada no psiquismo. A qualidade da relação objetual é fundamental para a promoção desse intrincamento inicial, como o denomina Rosenberg (2004), na relação do bebê com o mundo externo e interno, mediado pelo objeto.

Pulsão de morte, dor e masoquismo são processos constitutivos que precisam ser tornados domesticáveis e suficientemente metabolizáveis para o psiquismo do bebê, o que só pode ser viabilizado com a ajuda do objeto responsável pela ação específica, que, dessa forma, de acordo com a sua plasticidade de investimento, propiciará que traços virem marcas e registros, ligando e amalgamando a pulsão de morte. Torna-se vital, então, o papel da mãe (cuidador) na vida inicial, na

qualidade do interjogo entre satisfação e adiamento da necessidade de nutrição. Tempo imprescindível para que, aos poucos, o corpo biológico vá criando um psiquismo, possibilitando à vida fantasmática entrar em cena na ausência de satisfação.

3 COMO CADA UM APRENDE A AMAR?

A relação da criança com a pessoa que cuida dela é, para ela, uma fonte inesgotável de excitação e satisfação sexuais provenientes das zonas erógenas, principalmente porque essa pessoa — geralmente, a mãe — dirige à criança os sentimentos que decorrem de sua própria vida sexual, acariciando-a, beijando-a e embalando-a; e a toma claramente como substituto de um objeto sexual pleno e legítimo (FREUD, 1905, p. 88-89).

A mãe é objeto sexual para os bebês de ambos os sexos: “[...] é no prazer corporal experimentado na amamentação e no contato com o corpo da mãe que se estabelecem as bases para o desenvolvimento da pulsão sexual, em meninos e meninas.” (KEHL, 2019, p. 362).

No escrito de 1905, Freud afirma que o excesso de ternura dos pais pode ser danoso, tornando a criança incapaz de renunciar ao amor em épocas posteriores da vida ou fazendo-a se contentar com uma menor porção dele. O autor indica ainda que pais neuropáticos costumam despende uma ternura desmedida e contribuem muito, com seus carinhos, para o surgimento de uma disposição ao adoecimento neurótico. Sendo assim, parece que o excesso pulsional do adulto sobre a criança causa um transbordamento, que é sentido por ela como angústia e medo.

Esse momento é vivido com ainda mais intensidade no caso da menina, pelas identificações maciças da mãe com a filha. Segundo Freud (1905), a menina, diferentemente do menino, não experimenta

a angústia de castração, o que irá demarcar, para esse autor, diferenças entre os sexos feminino e masculino quanto à construção de um Supereu consistente. Essas questões propostas pelo autor podem estar relacionadas com angústias vividas em diferentes momentos. A menina passaria por angústias mais primitivas do que aquelas do menino, isto é, enfrentaria angústias em um momento ainda muito precoce, quando o Eu é ainda mais fragilizado do que o Eu do tempo da conflitiva edípica.

Para a compreensão dessas angústias primitivas a que me refiro, seria preciso voltar a um momento mais arcaico: o da construção dos objetos primordiais fundamentais para as bases que estruturam o Eu: tempo de um estado de fusão e indiferenciação em relação ao objeto. O estado de completude narcísica é necessário, porém é mortífero se, do duplo da mãe — do um só — não puderem advir dois, pela passagem do narcisismo primário do Eu-Ideal para o Ideal-de-Eu. O narcisismo primário, lugar do duplo, garante, em fantasia, a imortalidade do Eu, a não castração para a mãe; para a criança, ele corresponde a um estado de plenitude no qual desejar seria tal qual realizar; lugar do enclausuramento, da deserotização, alojamento do desejo mortífero do filicídio. Nos termos de Marucco (1998, p. 96, tradução nossa), “[...] todo filho é ameaçado com o ódio, se deixa de desmentir a incompletude parental”. Paim Filho (2014) defende que o desejo narcísico está para o filicídio assim como o desejo edípico está para o parricídio: ambos têm origem na vivência incestuosa.

O investimento será mortífero se, na passagem do narcisismo primário para o Ideal-de-Eu, o Eu não puder “[...] renunciar à satisfação já uma vez desfrutada.” (FREUD, 1914, p. 112), se não puder privar-se da perfeição narcísica da infância. Se o Eu se sentir perturbado pelas admoestações de terceiros, procurará, então, recuperar o narcisismo do Eu-Ideal (FREUD, 1914). Dirá Freud (1914) que, devido aos excessivos investimentos objetivos, a criança terá seu Eu empobrecido e ficará sem condições de realizar seu Ideal-de-Eu, enveredando pelo

caminho de volta ao narcisismo. Ela, então, “[...] projeta diante de si como seu ideal o substituto do narcisismo perdido da infância, na qual ele foi seu próprio ideal.” (GARCIA-ROZA, 2004, p. 51).

Da Bela menina dócil de tenra idade, como Le Guen (1997) descreve, surgiu uma Bela “adormecida”, adolescente apática e resignada a submeter-se à tirania da mãe. No início da análise, a Bela pré-adulta jovem mostrava-se como uma menina-mulher indiferente aos homens, encenando uma história, em *ato*, que ainda não podia ser colocada em *relato*. À primeira vista, ela buscava relações afetivas nas quais não era a protagonista do casal, mostrando-se indiferente a isso. Apresentava atitudes pseudomaduras com colorido histérico, marcadamente edípico, de rivalidade com outras mulheres, rivalidade na qual a sexualização das relações aparecia como defesa. Pouco a pouco, porém, o colorido aparentemente histérico — pelo qual nenhum homem lhe interessava — foi se transformando, no comportamento de Bela, em indiferença e dramaticidade; o que lhe importava era o interesse que os homens teriam por ela, o que poderia ser um viés do desejo infantil de ser olhada pela mãe.

Boons (1993) oferece uma importante contribuição a esse respeito, mostrando que, na histérica, encontra-se mal firmada a primeira experiência de separação da mãe e, conseqüentemente, a base de uma primeira identidade, de um primeiro alicerce. Para essa autora, há um objeto que talvez nunca tenha de fato se instalado ou desencadeado a introjeção. Ela refere-se à perda ou a uma relação que não se deu.

Green (1974) também sugere que o problema da histeria está na relação entre sexualidade, amor e reações à perda nas diferentes estruturas do Eu. Para ele, o desejo na histeria é um desejo mais narcísico do que sexual. A perda atua, na histeria, como uma ferida narcísica que pode conduzir à depressão com diminuição da autoestima.

Bela, de uma nuance histérica, passa a um tom mais melancólico, queixoso. Entendo esse viés melancólico como expressão e transformação da dor física que vai podendo ser processada psiquicamente. As

marcas primordiais que não tinham transcrição no psiquismo passam, pouco a pouco, a tornar-se um registro. Nesses momentos, deixa-se estar mais próxima da analista, com uma postura menos defendida; questiona-se sobre si e sobre suas escolhas, refletindo mais sobre a parte de si própria que sofre...

Bela mostra-se, por vezes, refratária à análise, indiferente a interpretações, compreensões e/ou entendimentos de suas escolhas e atitudes. Parece defender-se de algo que nem ela mesma compreende, como um corpo estranho que ainda não encontra *status* em seu pré-consciente/consciente.

Freud (1937a) observa que o efeito terapêutico da análise está atrelado à ampla tomada de consciência do recalque que estava até então contido no Isso. Segundo ele, “[...] preparamos o caminho para essa conscientização através de interpretações e construções, mas interpretamos apenas para nós mesmos, não para o analisado, enquanto o Eu se mantiver preso às defesas antigas e não desistir das resistências.” (FREUD, 1937a, p. 344). Ele, porém, alerta: ainda que essas resistências pertençam ao Eu, elas são inconscientes; logo, estão apartadas do Eu. “Sob a influência das moções [...] de defesa, [...] as transferências negativas podem assumir o comando, suspendendo completamente a situação analítica. Agora, [...] o analista é apenas um ser desconhecido, que lhe imputa coisas desagradáveis [...]” (FREUD, 1937a, p. 344).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

E *Análise terminável e interminável*, Freud (1937a) postula que a responsável por grande parte da resistência na análise e a causa suprema de conflito na mente é a pulsão de morte. Ele sustenta que “[...] a situação analítica consiste em nos aliarmos com o Ego da pessoa em tratamento, a fim de submeter partes de seu Id [...]” (FREUD, 1937a, p. 251) que não estão controladas, o que equivale a dizer “a fim de

incluir-las na síntese de seu Eu”. Freud (1937b) indica que um Eu normal, como a normalidade em geral, é uma ficção ideal, de modo que toda pessoa dita normal é apenas normal na média; seu Eu aproxima-se do Eu de um psicótico em um lugar ou noutro, e em maior ou menor extensão.

Inicialmente, o Eu desempenha a tarefa de fazer a mediação entre o Isso e o mundo externo a serviço do princípio de prazer. Ele também deve proteger o Isso contra os perigos do mundo externo. Posteriormente, o Eu se ocupa de remover a cena da luta de fora para dentro, de dominar o perigo interno antes que ele se tenha tornado externo, evitando assim o perigo, a angústia e o desprazer. Talvez este seja o resultado que se busca em uma análise: conhecer e dimensionar os perigos, para que os perigos externos sejam metabolizados internamente, enlaçados e ressignificados. Seja por meio da compulsão à repetição, seja pelo masoquismo moral, em relações como a de Bela e sua mãe, encena-se algo da ordem do traumático, levando o sujeito a viver penosamente a experiência desprazerosa.

O excesso e o traumático são o que caracteriza a pulsão de morte, a responsável pelo adoecimento (ROSENBERG, 2004). Se a dor e o desprazer podem ser objetivos em si mesmos, e não mais advertências, o princípio do prazer é paralisado. O guardião de nossa vida psíquica fica como se estivesse sob efeito de um narcótico (FREUD, 1924). Caberá à libido amalgamar-se à pulsão de morte, domesticá-la, apaziguá-la; nesse sentido, o objeto adquire importância primaz, contendo e aplacando a demanda pulsional. A partir da necessidade de nutrição, que a experiência de satisfação saciará, surgirá o estado de anseio pela repetição da experiência de satisfação, estado esse que ainda não é desejo. Etapa importante que inaugura um tempo de construção, de instauração do objeto do anseio, precursor do desejo.

Nessa etapa inicial da vida, a criança não é sujeito, mas objeto da pulsão que encontra satisfação no próprio corpo, e objeto para um outro... Constituímo-nos a partir do outro: do olhar, dos cuidados, do

lugar que ocupamos como desejo ou não desejo no psiquismo desse outro sujeito. Por meio do corpo, vai-se engendrando uma história, atravessada pelo objeto, pelo cuidar, pelas fantasias desse outro; esse encontro, na melhor das hipóteses, poderá construir um espaço para o contraste, para a diferença; um vir a ser sujeito de si mesmo, possibilitando a edificação da alteridade.

Logo, entendo que, dependendo do modo como decorrer esse interjogo — essas primeiras inscrições psíquicas, nesse movimento de presença e ausência do outro —, o desejo poderá se desenvolver, desejo que implica um psiquismo mais constituído. Na sequência do que foi a relação de encontro com a figura materna, outro momento deverá advir: o de separar-se dela via ação de interdição de um terceiro, de um outro para além da mãe, o qual propiciará a passagem para a fase seguinte:

A interdição do incesto enquanto regra universal é, contudo, o que torna possível uma teoria do complexo de Édipo. Por outro lado, a questão do Édipo e a interdição do incesto são impensáveis se não houver o pai ou, se preferirmos, a função do pai. O que Freud nos mostrou é que não há pai sem o assassinato do pai [...] (GARCIA-ROZA, 2004, p. 26).

Essa é uma questão aparentemente paradoxal. Matar o pai/mãe simbolicamente: a interdição do incesto para o nascimento psíquico do sujeito.

O corpo é o meio de expressão daquilo que o psíquico não dá conta de pôr em imagens ou palavras. Bela manifesta no corpo e descarrega no soma o que não pode ser enlaçado psiquicamente. O corpo converte-se em expressão do psíquico, no qual não houve espaço para a subjetivação, investimento que é feito necessariamente por um outro.

Bela, o nome que escolhi, foi selecionado devido a duas associações. A primeira delas é com a personagem Bela de *A Bela e a Fera*, que

vive com seu pai e, quando descobre que ele foi aprisionado pela Fera, oferece-se para ficar no seu lugar, condição que é aceita pelo aprisionado e pelo aprisionador desde que Bela se comprometa a nunca abandonar o castelo. Lugar de não escolha, lugar de aprisionamento narcísico ao (não) desejo do outro. O nome Bela também me faz pensar em *la belle indifférence* dos histéricos, expressão que Freud (1893, p. 161) tomou de Charcot para se referir à sua paciente Elisabeth Von R.: “Ela parecia inteligente e mentalmente normal, e suportava seus problemas, que interferiam em sua vida social e seus prazeres, com ar alegre [...]”.

As pacientes históricas descritas por Freud pareciam indiferentes às manifestações sintomáticas que seus corpos denunciavam, alienadas, anestesiadas, adormecidas, como se aquele fenômeno, o sintoma histórico — indício de uma formação de compromisso entre o desejo e o proibido — não lhes dissesse respeito. Dessa forma, aquilo — o traumático, o excesso — que não pode ser nomeado por um outro e que, assim, não pode ser simbolizado, fica registrado no psiquismo como uma marca sem uma história, sem um tempo, e reaparece como um sintoma, como uma alma penada.

Bela permanece aprisionada na relação invasiva com a mãe — masoquismo mortífero —, identificada narcisicamente com ela, em um jogo sexual permeado pelo sadismo materno, no qual predomina o tanático em detrimento de Eros. Sobre essa indiscriminação junto à mãe, penso na melancolia. Para Freud (1917 [1915]), o melancólico, tal qual o obsessivo, em geral pune e vinga-se do objeto original sem precisar demonstrar sua hostilidade para com ele, o que faz somente de forma indireta por meio da autopunição.

Bela, porém, ainda transita em uma estrutura histórica que revela e encobre o aprisionamento às defesas masoquistas, que se faz presente em manifestações melancólicas e denuncia, assim, seu sofrimento psíquico, expondo sua fragilidade, sua solidão e seu desamparo. Brigas, discussões e acusações em sua relação com a mãe trazem à luz a

força do masoquismo moral – exteriorizado pelo sadismo do Supereu que submete o Eu. Como uma alma penada, o que permanece incompreendido retorna e não tem repouso até encontrar resolução e libertação (FREUD, 1909).

A palavra “enigma”, do grego *ainigma*, significa palavra obscura que cabe a cada um, como sujeito investido das demandas de um outro, decifrar a fim de se tornar sujeito de seu próprio desejo. Esse termo refere-se àquilo que deve ser transformado em cada um a fim de historicizar o traumático do que é vivido como penoso, de modo que possa haver uma mudança da passividade à atividade. Há que se desvendar, decifrar e conhecer a própria história a fim de não repetir a fatalidade daquilo que se impõe.

O caso de Bela não é só de Bela, mas de muitas mulheres que se apresentam na sala de análise revelando suas histórias de dores e paixões da alma, enredos que expressam acontecimentos do dia a dia, que falam da subjetividade humana. As paixões da alma são um obstáculo, uma incógnita para a cultura que, sem saber o que fazer, tenta compreender e enquadrar esses fenômenos a partir de manifestações cerebrais. Dores e males são tratados como doenças, síndromes e transtornos, em concomitância ao consumo de substâncias químicas de última geração para tentar normatizar esses fenômenos.

Paixões, sentimentos, sensações, dores e tristezas, porém, precisam de uma escuta singular que produza eco no analista; eles imprimem marcas em nosso fazer *psi*, tornando-nos, *per via di levare*, diferentes a cada encontro ou (re)encontro com nossos analisandos. Isso é algo que, nas palavras de Nasio, está além da “nossa sensibilidade” para *compreender e livrar* nossos pacientes de seu sofrimento:

É preciso também experimentar em nós esse sofrimento, isto é, senti-lo vividamente, e isto sem ficar perturbado. [...] não se trata de sentir o sofrimento atual que leva o paciente ao consultório, mas a antiga dor de seu trauma infantil: sentir em si o que o

outro esqueceu. [...] É a única forma de o terapeuta conhecê-lo verdadeiramente e tratá-lo de maneira eficaz. Dito isto, ele não pode se deixar invadir por uma emoção grande demais ou sucumbir à compaixão. Isso seria um enorme obstáculo à compreensão da situação. Ao longo dos anos, o analista aprendeu a controlar sua empatia e a não deixar desestabilizar. Decerto ele continua humano e caloroso, mas de modo algum compadecido (NASIO, 2003, p. 14).

REFERÊNCIAS

ALONSO, S. L.; TANIS, B. Masoquismo ordinário. **Percursos**, São Paulo, ano 11, n. 21, p. 111-114, 1998.

BLEICHMAR, E. **La sexualidad femenina**: de la niña a la mujer. Buenos Aires: Paidós, 1997.

BOONS, M. C. A propósito da estrutura histórica. In: BOONS, M. C. **Mulheres-homens**: ensaios sobre a diferença sexual. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993. p. 101-110.

FREUD, S. (1893). Srta. Elisabeth von R. In: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 161-202. (Edição standard brasileira, 2).

FREUD, S. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: CENTRO DE ESTUDOS PSICANALÍTICOS DE PORTO ALEGRE. **Sexualidade**. Porto Alegre: Evangraf, 2016. p. 20-111.

FREUD, S. (1909). Análise de uma fobia de um menino de cinco anos. In: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 13-156. (Edição standard brasileira, 10).

FREUD, S. (1914). À guisa de introdução ao narcisismo. In: FREUD, S. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 2004. p. 95-132. (Obras psicológicas de Sigmund Freud, 1).

FREUD, S. (1917 [1915]). Luto e melancolia. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 271-292. (Edição standard brasileira, 14).

FREUD, S. (1920). Além do princípio do prazer. *In*: FREUD, S. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 123-198. (Obras psicológicas de Sigmund Freud, 2).

FREUD, S. (1924). O problema econômico do masoquismo. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 175-188. (Edição standard brasileira, 19).

FREUD, S. (1927). O futuro de uma ilusão. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 13-74. (Edição standard brasileira, 21).

FREUD, S. (1933a). Conferência XXXI: a dissecação da personalidade psíquica. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 75-102. (Edição standard brasileira, 22).

FREUD, S. (1933b). Conferência XXXII: ansiedade e vida instintual. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 103-138. (Edição standard brasileira, 22).

FREUD, S. (1937a). A análise finita e infinita. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p.225-234. (Edição standard brasileira, 23).

FREUD, S. (1937b). Construções em análise. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 289-304. (Edição standard brasileira, 23).

FREUD, S. (1938). O aparelho psíquico e o mundo externo. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 224-234. (Edição standard brasileira, 23).

FREUD, S. (1950 [1892-1899]). Carta 52. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 317-323. (Edição standard brasileira, 1).

FREUD, S. (1950 [1895]). Projeto para uma psicologia científica. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 381-394. (Edição standard brasileira, 1).

GARCIA-ROZA, L. A. **Introdução à metapsicologia freudiana**: volume 3: artigos de metapsicologia. p. 18-78. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

GREEN, A. J. Laplanche. Panel on “hysteria today”. **International Journal of Psycho-Analysis**, Cambridge, v. 55, p. 459-469, 1974.

KEHL, M. R. Posfácio. *In*: FREUD, Sigmund. **Amor, sexualidade, feminilidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 353-368. (Obras incompletas de Sigmund Freud, 7).

LE GUEN, C. O engodo feminino do masoquismo ordinário. **Percursos**, São Paulo, ano 10, n. 18, p. 5-16, 1997.

MARUCCO, N. C. **Cura analítica y transferencia**. De la represión a la desmentida. p. 86-103. Buenos Aires: Amorrortu, 1998.

MARUCCO, N. C. A prática psicanalítica contemporânea: as zonas psíquicas e os processos de inconscientização. **Psicanálise**: Revista da SBPdePA, Porto Alegre, v. 15, n. 1, p. 113-136, 2013.

NASIO, J. D. **Um psicanalista no divã**. p. 11-21. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

PAIM FILHO, I. A. Totem e Tabu: um proêmio do narcisismo. *In*: CENTRO DE ESTUDOS PSICANALÍTICOS DE PORTO ALEGRE. **Para uma introdução ao narcisismo**: reflexo e reflexões. Porto Alegre: CEPdePA, 2014. p. 237-255.

ROSENBERG, B. Masoquismo e doença. **Revista de Psicanálise da SPPA**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 291-307, 2004.

ZALCBERG, M. **A relação mãe-filha**. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

The paradox of desire: from deadly to Eros

ABSTRACT

This work is the result of the course of an analysis. A story that narrates the manifestations of pain and living, of a little eroticized encounter with the other, with the object. In this analytical process, one can see how the intensity of destructiveness and helplessness is collapsing and fracturing the incipient birth of desire, and how little amalgamated unconscious formations are revealed in the body. In this plot, canyons are unveiled where there is no passage to otherness, in a scenario in which moral masochism and destructiveness in relationships prevail. Writing about moral masochism, one of the fundamental concepts of Freud's work in the second topic, requires revisiting many other concepts that are also nodal in this author's psychoanalysis. To understand these issues, Freudian theory is sought, with its concepts related to the second topic – death pulse, repetition compulsion and masochism –, and other authors who have addressed this theme, to decipher the enigmas that necessarily need to be unraveled, to ensure the non-annihilation of the Self...

Keywords: Moral masochism. Repetition compulsion. Death drive.

Recebido em 20/07/2021

Aprovado em 25/10/2021